

Jornalismo, meio ambiente e Amazônia: reflexões sobre a importância do tema a partir da graduação e a interdependência com a ciência.¹

Carlos Fábio Morais GUIMARÃES²
Macri Elaine COLOMBO³

Faculdade Martha Falcão (FMF)
Faculdade Boas Novas (FBN)

RESUMO

Esse artigo pretende abordar a importância do tema meio ambiente nas grades curriculares dos cursos de graduação em Jornalismo, especialmente na Amazônia, na busca de maior qualificação sobre a temática de estudantes e futuros profissionais. Ademais, buscou-se estabelecer o entendimento de que o meio ambiente possui forte interdependência com a ciência. Assuntos que, muitas vezes, são abordados de maneira errônea ou separados, principalmente quando se trata da produção científica na/para a região amazônica com a abordagem ambiental, na qual, muitas das vezes, é publicada como assuntos exóticos ou com uso quase que exclusivo de apenas um discurso. A metodologia utilizada foi descritiva com abordagem qualitativa. Por meio de leituras e da observação direta, objetivamos obter informações na busca de incitar reflexões mais profundas em relação ao assunto.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Jornalismo; Ciência; Amazônia.

INTRODUÇÃO

O tema meio ambiente está cada vez mais nas pautas dos jornalistas. Seja na abordagem sobre a poluição, mudanças climáticas, conservação e utilização de energia até a questão da mobilidade e das condições de habitação nas cidades entre outros, a temática traz consigo um vasto campo de atuação que nos direciona a refletir sobre o panorama e nos insere como parte do todo social.

Como o meio ambiente possui variados significados, até para profissionais da comunicação, tomamos como referência o conceito que Bueno expõe: “Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes), mas incluem as interações sociais, a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestre em Comunicação pelo PPGCCOM da Ufam, email: cfguima@mail.com.

³ Mestre em Comunicação pelo PPGCCOM da Ufam, email: macricolombo@hotmail.com

cultura e expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.)” (BUENO, 2007, p. 34).

Por sua vez, a região Amazônica - lugar da maior biodiversidade do planeta – possui uma riqueza inestimável, pouco explorada e ganha *status* de área cobiçada tanto no âmbito biológico quanto político. Nesse sentido, a reflexão da prática jornalística na produção de notícias comprometidas com a temática ambiental na Amazônia é salutar, no sentido da busca pelo compromisso público, na democratização das informações visando suscitar o debate social. Por isso, é importante compreender o mecanismo de trabalho no jornalismo ambiental que deve iniciar e voltado a capacitação desde o banco das faculdades.

Sendo assim, esse trabalho é dividido em três partes: a história e o interesse da mídia em divulgar; o meio ambiente amazônico e a ciência; e o meio ambiente no curso de jornalismo. Utilizou-se nos embasamentos teóricos autores como Morin (2010), Burket (1990), Capra (2006), Trigueiro (2005), Batista (2006), Bueno (2007), entre outros.

A História e o interesse da mídia em divulgar

A divulgação científica existe desde o século XVI, segundo Burkett (1990), em sua obra *Jornalismo Científico*, o qual relata que foi graças a Henry Oldenburg que se propagou a ciência. Contudo a expansão para a publicação de informações científicas ocorreria, de forma mais acentuada, na era da segunda Guerra Mundial. Os assuntos relacionados à fabricação de armas e de bombas chamaram a atenção das pessoas, fazendo que o fato se espalhasse e ganhasse espaço nos meios de comunicação. Essas descobertas no campo científico-tecnológico, durante o período de guerras mundiais, possibilitaram ainda mais a consolidação da ciência.

Assim novos interesses se desenvolviam,

[...] a guerra produziu milhões de homens e mulheres para serem educados nessas novas ciências. A ciência havia sido tão útil vencendo a Segunda Guerra Mundial que os cientistas do mundo inteiro sentiram uma transformação nos modos pelos quais as nações encaravam e financiavam a pesquisa científica. (BURKETT, 1990, p. 36).

As primeiras coberturas específicas sobre o meio ambiente surgiram após a Segunda Guerra Mundial, quando os EUA, a Grã-Bretanha e a URSS conseguiram vencer o Eixo (a Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão).

Logo após o evento histórico, sobraram apenas duas potências: os EUA e a URSS, que ficaram em lados opostos, inaugurando o período conhecido como Guerra Fria. De um lado, os EUA, que visavam ao capitalismo; e, do outro, o socialismo soviético; ambos buscavam ampliar suas áreas de influência sem entrar em conflitos armados.

No decorrer da década de 60 do século XX, ainda os mesmos problemas relacionados à Guerra Fria se haviam instalado no Vietnã. Na Europa, a opinião pública tomava consciência de que o continente seria devastado na hipótese de um confronto nuclear. Nota-se, então, que as mídias começaram a dar ênfase na divulgação do meio ambiente. Nessa abordagem, os problemas que a guerra causou ao meio ambiente, afetando toda a biosfera; o crescente movimento pacifista e de partidos políticos, como Partido Verde – mais especificamente nos anos 80 –, causou interesse na população em ficar interagindo com os fatos da época que envolviam seu cotidiano, e se tornaram pauta do jornalismo ambiental (ERBOLATO, 1978).

Outro fator preponderante em divulgar sobre o meio ambiente foi a expansão da globalização como sinônimo de desenvolvimento do capitalismo, quando o crescimento econômico visava a um processo de utilização cada vez mais intensivo de capital, de redução do uso de mão de obra e de utilização extensiva dos recursos naturais. Os EUA perceberam a importância de também possuir empresas de comunicação para expandir seus poderes econômico, social, cultural e político. Um exemplo disso foi *O Repórter Esso*, uma síntese noticiosa radiofônica, em média de cinco minutos, a primeira de caráter global, que visava transmitir a cultura norte-americana.

No Brasil, o avanço do jornalismo ambiental se deu a partir da conjuntura da Guerra Fria. A participação do Brasil na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, em 1972, foi o início a “passos” lentos da vertente jornalística ambiental. Entretanto, para Victor, a primeira vertente do jornalismo ambiental vem a partir da década de 60:

O jornalismo ambiental nasceu cobrindo tragédias e denunciando abusos de um modelo de desenvolvimento econômico considerado socialmente perverso e ambientalmente insustentável[...]Na década de 60, Randau Marques um dos precursores do jornalismo ambiental brasileiro já pautava a contaminação por chumbo de trabalhadores do setor de calçados do município de Franca e os impactos negativos do uso de agrotóxicos à saúde humana e ao meio ambiente(VICTOR, 2009, p. 17)

Contudo, ao retomar a questão da expansão científica no país, Oliveira (2002) relaciona as origens do atraso científico tecnológico ao tipo de colonização que o Brasil esteve

submetido, muito mais voltada para a exportação do que para a expansão. “A pesquisa científica no Brasil era incipiente até o século XIX e só começou a mostrar alguma força a partir do fim desse século, quando a comunidade científica começou a organizar-se”. (OLIVEIRA, 2002, p. 28). A difusão da ciência foi sutil até o século até o início dos anos 80. A comunidade científica brasileira demorou a agir de forma ativa. A ditadura militar, o que inclui a censura em todos os aspectos, por exemplo, além do controle das informações, colaboraram para essa demorada eclosão científica.

Porém, a partir do instante em que a ciência começou a se mostrar parte complementar do cotidiano do indivíduo, o mundo começou a vê-la de forma diferente. Modificou-se também o pensamento dos pesquisadores, que perceberam a importância em divulgar suas pesquisas para ganhar *status* e principalmente financiamento para prosseguir seus estudos. Com isso, surgiu o interesse em difundi-la; e mais: aconteceram muitos eventos que objetivavam entrelaçar essa relação entre homem e ciência.

Grandes eventos de repercussão internacional influenciaram esse *boom* do jornalismo científico no Brasil na década de 1980, como a passagem do cometa Halley (1986), o anúncio não confirmado da fusão a frio, as viagens espaciais e as questões ambientais. Em 1992, quando foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio 92, já era grande o número de jornais que contavam com editoria de C&T e meio ambiente, revistas especializadas e programas de rádio e TV. Fomos a reboque da tendência internacional (OLIVEIRA, 2002, p.39).

Verifica-se, nesse contexto, o avanço pelo interesse em ciência e, de forma, indissociável, sobre o meio ambiente. E a opinião pública? Como se mobiliza para formação de um saber relacionado a essas temáticas? A divulgação científica e sobre o meio ambiente crescem a partir do interesse da imprensa em divulgá-los e começaram a despertar o interesse da população.

O Meio Ambiente amazônico e a Ciência

A Amazônia desperta fascínio e ambíguos sentimentos e pensamentos em todos os aspectos, principalmente quando se trata do cotidiano dos povos nativos. Isso se deve ao fato de estarem enraizados textos clássicos (não que não sejam bons em determinados momentos) que estão impregnados de conceitos e de preconceitos, com pensamentos de que as pessoas iriam encontrar na região o ouro e a fonte da juventude.

Era assim, por exemplo, que idealizava Euclides da Cunha e o cronista Rangel, porém em seus relatos diziam que seria difícil obter o progresso e conquistar plenamente o Novo Mundo devido ao fato de o local ser um “Inferno Verde”. Utilizando as reflexões de Neide Gondim (2007), percebemos que a Amazônia foi inventada, e não conquistada, uma vez que esta já era habitada e possuía o seu modo de fazer ciência e, conseqüentemente, de realizar suas próprias tecnologias.

Atreve-se a afirmar que talvez pelo fato, naquele momento, vive-se o auge do positivismo e a centralização europeia na economia mundial e, como efeito, havia o poder de se fazer uso de novas tecnologias e a busca de conquistar novos territórios para abranger esse poderio. Acrescenta-se, conforme Djalma Batista (2006) – que não era determinista como Euclides – que a região amazônica poderia progredir e ajudar no avanço econômico e na descoberta de novas descobertas científicas desde que usufrísse o meio ambiente com conscientização ecológica. Esse autor viveu o seu tempo, ajustando-se com o momento em que se encontrava.

Assim, Batista (2006) enxergava e apoiava ideias políticas de Castelo Branco, que incentivava o preenchimento do “espaço vazio demográfico”, o que não condizia com a realidade amazônica – pois houve o fim do extrativismo – para que se pudesse implantar a indústria e para que o Brasil pudesse crescer, com ordem e progresso, assim como se diz na bandeira brasileira, com forte inspiração em Comte (um dos precursores do positivismo).

Mas Djalma (2006) previu que todo esse estratagema poderia trazer desigualdade social e econômica, o que antes não existia. Isso fez parecer de certa maneira que o conhecimento milenar desses nativos de nada poderia ser útil para a humanidade, revelando assim o imperialismo do positivismo, que prevaleceu com o conhecimento matemático, testado e comprovado com normas e técnicas a serem seguidas com rigor fragmentado, como se não fosse importante a integração das várias áreas do saber; esta a que chamamos de *teoria do sistema*, que tanto Capra (2006) quanto Morin (2010) julgam ser necessária para se fazer uma ciência. Consideramos também ser prioridade a experiência desses povos, o que inclui seus mitos e suas crenças, enfim, seu cotidiano e principalmente o respeito a eles, pois a ciência também se faz por meio da fenomenologia, de maneira humana e com criatividade.

Desse modo, pode-se obter um mundo globalizado de maneira positiva, em que se possa compreender que a Amazônia é complexa e heterogênea, o que significa constatar que é possível realizar projetos se forem desenvolvidos mediante a interdisciplinaridade e se deixarmos o individualismo de lado, a ganância do poder e do lucro e a prepotência

segundo a qual somos ditos superiores, capazes de alcançar o progresso, como já dizia Milton Santos (2006).

Meio ambiente no curso de Jornalismo

Quando nos referimos ao Jornalismo Ambiental, é quase que inevitável virem às mentes matérias relacionadas às “ecotragedias” e ao “ecoexótico”, o que não deixa de ter certa lógica, porque, segundo estudos da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), organismo vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), a imprensa brasileira se preocupa em relatar o meio ambiente em três ocasiões: 1) catástrofes naturais e/ou acidentes graves que causam danos à natureza; 2) relatórios publicados por revistas estrangeiras com dados científicos sobre o aquecimento global; 3) data em que se comemora o Dia Mundial do Meio Ambiente, instituído pela ONU, três de junho (Imprensa, 2001, pp. 22-26). Bueno (2007, p.36) corrobora com tal pensamento ao afirmar que o “Jornalismo Ambiental brasileiro tem se caracterizado, sobretudo, por algumas síndromes e equívocos que têm impedido um avanço maior. Entre as mazelas o autor aponta a síndrome do zoom ou do olhar vesgo que tem a ver com o fechamento do foco da cobertura, a fragmentação que retira das notícias a sua perspectiva inter e multidisciplinar; a síndrome do muro alto que diz respeito à tentativa de despolitização do debate ambiental pela desvinculação entre a vertente técnica (comprometida com a perspectiva empresarial) e as demais vertentes (econômica, política e sociocultural) e a síndrome da *lattelização* das fontes, ou seja, tem-se em priorizado fontes que dispõem de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado”. A autor afirma que:

O protagonismo no jornalismo ambiental, não se limita ao pesquisador ou ao cientista, mas inclui, obrigatoriamente, os que estão fora dos muros da Academia (muitas vezes excluídos em virtude de uma situação social injusta), como o povo da floresta, o agricultor familiar, o cidadão da rua.[...][...] o Jornalismo Ambiental não é propriedade dos que detêm o monopólio da fala, mas deve estar, umbilicalmente, sintonizado com o pluralismo e a diversidade. O Jornalismo Ambiental deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés. BUENO (2007, p.36-37)

Assim é de suma importância termos nos cursos de graduação em Jornalismo, especialmente os que estão situados na Amazônia, o tema meio ambiente, com a

implantação da disciplina Jornalismo Ambiental. Para Trigueiro, durante o I Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, em 2005, “não é possível admitir que a formação do jornalista seja completa sem a variável ambiental”. É fundamental estudar sobre esse assunto, pois só assim poderemos formar profissionais qualificados e, antes de tudo, cidadãos conscientes de seus papéis no ecossistema. Afinal fazemos parte desta cadeia biológica, e este é o ambiente no qual vivemos e em que tomamos decisões no dia a dia, como relata Capra (2006), em seu livro *A teia da vida*.

Capra(2006) defende a tese de que “os jornalistas, ainda nos cursos de comunicação, tenham acesso à informação qualificada sobre temas ambientais. Quem sai da faculdade sem um pacote mínimo de informações nesse sentido não poderá cumprir adequadamente a sua função social.

Em observações superficiais, não comprovadas por estatísticas, nota-se que a maioria dos jornalistas não possuem conhecimento sobre o meio ambiente. As justificativas para essa falta de instrução são, de acordo com a publicação da *Revista Imprensa* de 2001, são as de que os editores e os repórteres têm um ritmo acelerado nas redações, o que dificulta uma abordagem mais ampla dos temas ambientais, os quais exigem conhecimentos técnicos, dedicação e especialização.

A Amazônia está visada mundialmente pelas suas potencialidades e suas riquezas naturais, portanto entendemos que caberia a quem vive na região tentar divulgá-la com informações de qualidade na busca de debates de alto nível. Assim os jornalistas têm a obrigação de saber interpretar esse discurso para popularizar a matéria sobre o meio ambiente, principalmente quando se intenciona relatá-la de maneira científica.

O jornalismo ambiental é uma especialização do jornalismo. Contudo, conforme cita Bueno, “antes de tudo, é jornalismo e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios”. (BUENO, 2007, p. 36)

A reportagem de meio ambiente tem que ser “vendida” como qualquer outra matéria. Deve constituir novidade, de interesse público e atual. A linguagem tem que ser simples. “O estilo é a arte de dizer o máximo com o mínimo de palavras”, já dizia Jean Cocteau. Para o jornalista João Bosco Ferreira da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) a notícia sobre meio ambiente vende não apenas por retratar sobre tragédias, mas também o interesse das pessoas em ler sobre sustentabilidade, quer como obrigação, quer como consciência de

viver harmonicamente com o meio ambiente. E, por enxergarem em longo prazo, estão publicando com mais frequência sobre este tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ressalta a necessidade de embutir nas grades curriculares de jornalismo, em especial, das instituições de ensino superior da Amazônia, o tema meio ambiente por entender que a região precisa de mão de obra qualificada para abordar o assunto. O Jornalismo ambiental, no âmbito das suas funções informativas, políticas e educacionais, precisa ser transmitido de maneira eficaz a sociedade.

Assim os estudantes devem estudar desde a graduação o tema meio ambiente para que não cometam erros nem se achem, por exemplo, superiores. Certamente há a necessidade de implantar a disciplina Jornalismo Ambiental; e aos poucos ela poderá ser distribuída em pacotes para outras disciplinas, o que se tornará uma coisa corriqueira nas graduações.

Em Manaus, é iminente a necessidade de, cada vez mais, dar ênfase ao tema nos cursos de comunicação para que se possa refletir no futuro, considerando o profissional que possa divulgar a abordagem sobre meio ambiente. Mas que não o faça apenas sob a ótica da tragédia ou do exotismo, e sim a respeito da sua relação com a ciência.

Essa ciência que a Região Amazônica produz deve valorizar o conhecimento dos nativos, que vai desde as crenças até os mitos. Afinal, a ciência propriamente dita tende a começar por experiências empíricas do cotidiano das pessoas. Ademais, não necessariamente requer ter como método o positivismo, e sim métodos como do conhecimento ou da fenomenologia, que levam em conta a abordagem qualitativa, visando mais à parte subjetiva ao se fazer ciência. Fazendo que esses nativos integrem o processo científico e/ou do resultado científico, isso tende a refletir-se por meio dos noticiários sobre os acontecimentos da ciência, o que significa, nesse contexto, o desenvolvimento com igualdade social e sem falsos conceitos sobre a região Amazônica.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**. 2.^a ed. Manaus: Editora Valer, 2006.

BUENO, W. C. Desenvolvimento e Meio Ambiente. In: *Jornalismo Ambiental: explorando além dos conceitos*. n. 15, p. 33-44, jan./jun. Editora UFPR, 2007.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix. 2006. Tradução: Newton Roberval Eichemberg.

ERBOLATO, Márcio L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERREIRA, João Bosco. **Meio Ambiente**. Manaus, 20 out. 2009. (Entrevista concedida a Macri Elaine Colombo, como requisito para a elaboração do artigo científico).

GONDIM, Neide. **Invenção da Amazônia**. Manaus: Ed. Valer, 2007,

MORIN, Edgard. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto (Coleção Comunicação), 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

VICTOR, C; CALDAS, G; BORTOLIERO, S. **Jornalismo Científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All print editora, 2009.